

GAZETA MERCANTIL

Maior sincronismo entre governo, empresários e população

Júlio Darvas *

Nos mais variados prognósticos e inúmeras projeções que vêm sendo feitos sobre o ano que começa, talvez se esteja pecando por omissão de alguns aspectos objetivos e subjetivos. O principal deles é que o número de empresas ou organizações, ou mesmo de organismos governamentais, sem problemas de caixa, ficou drasticamente reduzido.



Todos, de um modo ou de outro, passam a ter de vender e, portanto, aprimorar a sua performance. Já não são as tabelas de preços, reajustados quinzenalmente, que serão o atrativo para comprar e consumir. Nesse aspecto parece que chegamos ao limite. Com a drástica queda da demanda, os oligopólios e os orçamentos governamentais nos seus vários níveis começaram a ser, agora, também atingidos. Ninguém resiste à paralisação. Ninguém diminui custos ou os seus níveis de produção sem um esforço — tanto econômico, físico e psicológico. Crescer, inchar, inflar e inflacionar é fácil. Reduzir, cortar gorduras, diminuir custos e melhorar a produtividade, e buscar alcançar maiores níveis de produção, isso já não é fácil. Requer organização, método, disciplina e rigor orçamentário. Palavras que já há muitos anos estão ausentes dos dicionários empresariais, com raras e conhecidas exceções.

Também já em 1991 começou a mudar radicalmente (mas sem radicalismos) o enfoque sindical. Fazer greve ficou quase impossível. A interdependência de interesses e objetivos passou a ser o de preservar o emprego, a empresa e a economia. Coisa que também há muito tempo não ocorria. Com os problemas que, cada um a seu lado, enfrentam os Estados Unidos e os países que com-

punham a antiga União Soviética, o mundo tomou conhecimento não só do universalismo das questões econômicas, políticas e sociais como também da fragilidade das falsas teorias do gigantismo. Tanto o gigantismo das organizações capitalistas quanto o dos governos centralizadores. Ambas são formas de impedir e cercear a iniciativa privada. A opinião pública em todas as partes do globo está começando a ter a oportunidade de manifestar tanto a sua aprovação quanto o seu protesto. E, no mesmo dia, o mundo inteiro, por assim dizer, toma conhecimento e reage. A internacionalização dos meios de informação e da comunicação ganhou, nos últimos anos, a contribuição em progressão geométrica da informática na transmissão de dados e imagens.

Não estamos entrando, pois, num novo ano — já entramos. E talvez disso não tivéssemos tomado pleno conhecimento, numa nova era. Mudaram os referenciais. O calendário é eletrônico, especialmente para a geração que tem hoje menos de 25 anos. E é nessa escala que se enquadra não apenas a maior parte da população brasileira mas também a parcela mais numerosa e dinâmica (e absorvedora de novas idéias, métodos e flexibilidade) das empresas brasileiras. A nossa economia, como tal, tem menos de quarenta anos. Portanto, a nossa capacidade de reagir e de tomar iniciativas certamente não está nos compêndios. É uma questão de sobrevivência. A medida que esta tomada de consciência se está generalizando, governo, empresários e população, por falta de outra opção, terão de começar a atuar com maior sincronismo. E este é o outro lado da moeda. No qual a contenção e o trabalho produzem a riqueza, que é o lado inverso da especulação. A moeda tem sempre duas faces! Como esta de 1992!

* Administrador especializado em marketing empresarial e político.